

A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS
Rua da Rainha, 120

Responsavel
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 14 DE ABRIL DE 1901

NO OUTRO MUNDO



Meu caro filho Polybio.—Tive agora conhecimento do bem elaborado artigo que publicaste na «A Memoria», de Guimarães, ácerca do Grande Justo que com o seu sangue preciosissimo redimiou a humanidade, quasi dois seculos depois do teu fallecimento; e esse facto enche-me de satisfação porque me dá a medida do muito que por cá te entregas á leitura dos livros que se occupam da incomparavel doutrina do Martyr de Golphtha, presentemente adulterada, como dizem as gazetas portuguezas.

Mal irá, querido filho, aos que se afastam do caminho do dever n'aquelle mundo ephemero que nós deixámos para sempre ha mais, muito mais de vinte seculos, pois não se vive agora por lá como no nosso tempo.

Ai! que saudades tenho da nossa Megalopolis, da qual tambem era natural o valoroso Philopémon, cuja morte vinguei logo que o substitui no generato da *Liga Acheana!*

Aquillo é que era um bravo ás direitas!

Quem me dera puder voltar a esse mundo sublunar e saber o que sei hoje. Os valentões que por lá enxameiam e que ameaçam destruir tudo a sopapo

seriam por mim aniquilados com o simples contacto de um dedo.

Aqui, onde não ha em que exercitar forças, onde por tempo indeterminado se estaciona, é de a gente morrer de pasmo, se é que se póde morrer segunda vez.

Felicito-me por constantemente dares provas de fiel herdeiro das minhas qualidades de politico talentoso e patriota eximio.

Por isso a tua *Historia Universal*, de que se haviam descaminhado 35 livros, agora encontradas á venda no *Rebiqueira* da cidade de Guimarães (Portugal), vae ser traduzida em portuguez para uso dos corpos militares da referida nação onde a arte da guerra procura desenvolver-se e aperfeiçoar-se para reprimir promptamente qualquer sublevação.

Continúa, meu amado filho, a prégar a sã doutrina, a espancar com as fulgurações d'esse talento invejavel, as trevas da ignorancia, e terás prestado á sociedade vimaranense e ao seu paiz um dos melhores serviços, pois é bem necessario, como disseste, «que os homens possam ser quaes os quer Jesus: — *livros, irmãos e eguaes.*»

No meio dos teus pesados trabalhos de leitura e escripta não deixes de ter sempre patente a amizade ou antes aquelle amor ardente «que já nos olhos meus tão puro viste», para que este coração de pae, mesmo a quem tumulo, receba as consolações a que tem jus.

LYCORTAS.

A um morto

Dedicatoria do Fumo.

(EXCERPTO)

Questi, che mai da me non fia diviso.

DANTE—*Inferno*.

Se na treva da campa, abandonado agora
 Não se tornasse pó o corpo do doente,
 Homem que hoje cria e amanhã descrente
 Só anhelava a paz da morte redemptora,
 Lendo estes versos tristes que rimei um dia
 Cheios de um odio eterno e cheios d'ambição,
 Versos de sonhador que adora a multidão
 E a vê torturada immersa em atonia,
 Versos que podem ser rudes e mal limados,
 Mas que ao papel lancei assim como os senti,
 Versos em que dei forma a sonhos torturados
 E a dôr d'imaginar que tanto padeci,
 Melhor do que ninguém talvez os compr'hendesse
 Porque me vii nascer e vii-me inda creança,
 Pois sabia quem sou, sabia a minha herança
 Filho raça exangue, povo que envelhece,
 Eu que voltando o olhar não sinto uma saudade
 Do tempo que passou, tempo de minha infancia,
 Eu que vou arrastando agora a mocidade
 Os olhos numa luz que fulge lá a distancia,
 Eu que não sei qual seja um riso de mulher
 A não ser o de escarneo n'essas boccas puras
 E um riso mais cruel, o riso das impuras
 Que riem por dinheiro, á noite, a quem as quer,
 Eu que vejo fugir as minhas esperanças
 Sem achar dentro em mim a força de as reter,
 Ramo pôdre de um tronco (em dia de bonanças
 Hade o tronco, talvez, de novo florescer)
 Olhando para o mundo, olhando para mim,
 Buscando cá na terra alguém que me entendesse,
 Só o morto encontrei que me entendera e esse
 Não me entendia agora, repousava, emfim...

E como o corpo é pó desfeito dentro em ponco
 Na terra que o gerou, na terra ingrata e dura,
 Como tudo se esquece e só ao pobre louco
 Surge constantemente a ideia que o tortura,
 Off'reço ao morto o livro para que um dia,
 Já velhinho infeliz curvado a desenganos,
 Relendo com amôr e com melancholia
 Estes versos que são os versos dos vinte annos.
 Possa vel-o surgir das nevoas do passado
 Com um sorriso bom nos labios já sem côr
 Lançando para mim o olhar angustiado.
 De quem tudo perdeu, a crença, a luz, o amor..

Porto, janeiro de 1898,

JOÃO DE MEIRA,

MORTA!!!

✻✻✻

(A alguém que Deus levou)

Ponco mais de um anno é passado que
 me deixaste n'esta vida de saudade!

Jámais terei na terra amor egual a esse
 que em tempo te jurei tão puro e santo, e
 que agora se tornou na aguda lança de uma
 saudade enorme que ha trespassado meu peito
 tão eruamente!

Da ventura em que meu coração vivia
 só me resta uma saudosa recordação!

E a tua meiga e angelical imagem tão
 nitidamente impressa nesta alma immã da tua,
 quando na mente,—que tanto se te consagrou
 não te esquecendo nem mesmo no meio dos
 ruidosos mas mesquinhos e superfluos folgares
 d'este misero mundo,—scintilla aureolada da
 belleza e candura que meu olhar fascinaram,
 as lagrimas saltam-me magnadas d'estes olhos
 amortecidos, rolam-me pelas faces desconsoladas
 e vão gelar-se sobre o teu frio e immo-
 vel retracto que meus olhos avidamente pre-
 tendem animar!

E sempre o mesmo gêlo!

Sempre a saudade a mesma!

Sobre a tua campa depônh'o, pois, neste
 dia de cruel desolação, uma modesta corôa de
 lagrimas e saudades colhidas nas horas tristes
 d'este meu desterro, ... que morte é esta-vida
 em que me deixaste!!!...

11 de Abril de 1901.

Guimarães,

FERALDO FLAVIO.

LUZES MORTAS

Inda vos vejo, rufinas d'outra vida,
 Ultima luz d'um facho que se apaga
 Com essa lentidão com que uma vaga
 Vae desgastando a rocha empedernida.

Inda a fender a treva dolorida,
 Do vosso som d'outrora, um som divaga
 —Nuvem que o tempo a pouco a pouco alaga,
 Fumo que o vento impelle a outra vida.

Inda vos vejo e inda vos conheço
 Minh'alma quando ás vezes se debruça
 Por sobre a vossa sombra, que emudece,

E ao vêr na sombra a vastidão do eterno
 Lá cae a soluçar, como soluça
 Aos pés da cruz a alma d'um enfermo.

Guimarães, 1901.

ARNALDO PEREIRA,

Cartas a V. Ex.^{as}

(Continuação da terceira carta)

Senhoras minhas:

Tudo o que foi, será sempre melhorado. Eis um pensamento, que um alto e extraordinario 'spirito do paiz soube escrever com tanta verdade e que vem adequado ao nosso assumpto.

Lembrava-me eu que em todas as civilizações, atravez todos tempos, a mulher foi sempre, como é hoje apesar de tudo, a velha Eva, a santa martyr que nos ajuda a levar a cruz ao calvario da vida, usando da velha metaphora, mas tambem me lembrava que ella, como todas as cousas, ha de sujeitar-se á evolução, e o que foi, será sempre melhorado. Sobre tudo na sua educação phisica, no seu modo de ver material ha de necessariamente evolucionar para melhor porque d'outra forma faltará ao cumprimento dos seus deveres principaes: o dever civico.

Se olhar-mos para traz, repetimol-o, nenhuma educação nos enthusiasma e agrada mais do que a grega.

Senão vêde.

Será rasoavel a educação da romantica castellã de louras tranças cõr d'oiro ignorante e eternamente adolescente, que esperava dias e dias pelo seu cavalleiro que caçava pelas florestas ou combatia ao longe, lá muito ao longe os inimigos da sua patria que passava continuadamente aos serões, pelas mãos finas e esguias o rosario de contas d'oiro, que se embriagava com as novelas de cavalleiros e castellãs gentis, mortas d'amor, novellas que lhe passavam pelos ouvidos como branda toada d'anjos meliflua e terna, como aquellas suaves harmonias que ella ouvira na cathedral quando sol poente se reverberava nas illuminuras dos vitraes dando ao conjuncto um tom pallido e triste!

Servir-nos-ha de norma educativa a velha matrona romana, a sensual e lubrica mulher do fim da republica, Lucrecia ou Lesbia, a mulher que se mata pela sua honra ou que se conspurca pela sua baixesa? Não, porque não tinha a minima noção de disciplina physica. Apenas as *preciosas* as *magnificas*, (como se chamaram as mulheres da republica) tiveram a pretensão ociosa e inutil de imitar as mulheres hellenicas, mas o ridiculismo era atroz e maior, que o ridiculismo a degradação.

Eram seductoras, verdadeiramente enebriantes quando de taça em punho, sem vergonha e sem pudor exclamavam, voltadas para o primeiro moço fidalgo que passava: *Amabo!* mas eram isto e só isto, e hoje seriam um anachronismo!

E' que, senhoras minhas, talvez se não encontre homens que façam o que fe

aquelle filho de Esopo, que apaixonado pela bella Cecilia Metella, a seductora mulher de Pompeu, bebeu em sua honra uma perola dissolvida em vinagre que valia um milhão de sestercios!

Voltemos mais uma pagina á historia:

Depara-se-nos agora, n'um deslumbramento de esplendor as extraordinarias mulheres da Renascença, as soberbas mysteriosas que fallavam latim que acompanhavam os guerreiros ás batalhas, que sabiam intrigar como ninguem e matar como pouca gente, essas mulheres cujos magnificos exemplares, Margarida de Navarro e Catharina de Medicis, serão a admiração das gentes atravez de todos os tempos, essas mulheres, que quando puras se chamavam Victoria Collona e quando criminosas Lucrecia Borgia, essas mulheres que se extasiavam deante d'um quadro, choravam ao ouvir uma musica genialmente concebida e que se apaixonavam por um poeta que nunca viram só porque lhes fallava á alma, essas mulheres que nunca mais terão imitadores na historia da raça humana mas que nunca serão as mulheres do nosso seculo positivo, e frio, desapaixonado e trabalhador.

Cada pagina que voltemos á historia, cada typo sensacional que encontremos, nada nos satisfará absolutamente para o moderno typo que se deseja.

Temos ainda as *frondistas* do seculo XVII, as velhas fidalgas da regencia, as sabias e scepticas mulheres dos incyclopedistas, as gregas do directorio, as romanescas do imperio, toda essa colmeia de mulheres bonitas e extraordinarias que nada mais fazem hoje do que causar-nos espanto ao admirar-as no campo da historia, como uma coisa bella mas que nunca mais voltará.

(Conclue)

De V. Ex.^{as}
Velho admirador
SILVIO.

DE NOITE

Ao meu irmão

*Séparé de tout ce q. m'étais
cher, je me consume, solitaire et désolé. — Byron.*

E' noite! é alta a noite! a Chuva nas vidraças
Vem-nos triste cantar com lagrymas e gritos,
A sua immensa Dôr! suas negras desgraças!
E o castigo feroz de tetricos delictos!!

Como ella é triste e santa assim a soluçar,
A lembrar-nos a Dôr q. nesta Vida existe!
Como ella chora tanto ao vêr esfarrapar
Na colera do Vento a sua alma triste!!

O' lagrymas geladas q. o Espaço derrama
(O Espaço indifferente ás nossas desventuras)
Sois puras como Aquella q. minha Alma ama!
Sois frias como o são as minbas Amarguras!

Mas eu amo-vos muito, ó Lagrymas—de—Chuva!
E q'ria a vós expôr meu pobre Coração,
Porq. como vos é a minha Alma viuva
Q. chora e grita e ri na triste escuridão!

E' noite em volta a mim! a luz está apagada!
Silencio de Sepulchro! Alma do Mysterio!
Nada oiço q. desperte a rua Socegada!
Parece q. me cobre a paz d'um cemiterio!

E é um Cemiterio! é! a treva immensa e muda!
N'ella existem, sepultas, vozes desterradas!
São essas mesmas vozes q. meu olhar desnuda
Agora nestas Horas tristes, socegadas!...

Capa de rastos! ólhos fitos no Segredo!
Braços crusados sobre o peito amargurado,
Qual Hamlet infeliz, cheio de Dôr e Medo,
Passeio no meu quarto em trevas mergulhado:

«Se a Vida é um Bem ou um Mal! eis o Mysterio enorme
Q. eu busco desvendar na batalha da Vida...
Emquanto q. minha Alma hallucinada dorme,
Alguem me crucifica a carne arrefecida...
A vida é um grande Mal! e eu vivo para isto:
Só p'ra ver pranto em tudo e pranto derramar!!
Quanto foste feliz ó Visionario Christo,
Quando alguem n'essa Cruz te foi crucificar!
Morreste, mas levaste em tua companhia
A ajudarte a passar a Agonia serena,
O Amor! o grande Amor da tua Mãe, Maria!
E o Amor, Amor ideal da louca Magdalena!
E eu quem tenho?! quem tenho?! quem minha Alma leva
Quando a morte vier buscar-me pela mão?
Por manto quem me cobre? a negra Alma da treva.
E por Amor, o Odio vil da Multidão!!...
E é isto assim a Vida? ah! minha Mãe perdida!
P'ra q. enganaste tu teu filho desgraçado?
P'ra q. é q. me trataste sempre, euternecida
E teu leite me deste, branco, mas malvado?!...
Q. mal é q. eu te fiz p'ra te vingares assim?
Tu q. tinhas soffrido as freehadas da dôr
Não podias, ó Mãe, ter compaixão de mim
E estrangulares-me, então sem dô e sem terror?!...
O' vida! ó vida! ó vida! ó tragica rameira!
Has-de-me vêr bem breve para ti sorrir...
Mas é quando chegar minha hora derradeira,
P'ra eu na Cova de vez me deitar a dormir!...»

O vento continua tetrico e feroz...

E eu pobre desvairado, de chorar já farto,
Oiço dentro de mim desconhecida voz
Q. com seu echo anima á treva do meu Quarto!

Coimbra, 18—1—901.

ALFRÉDO PIMENTA

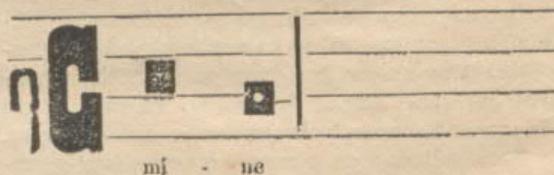
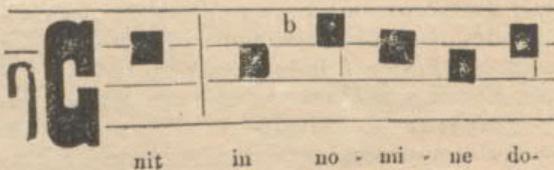
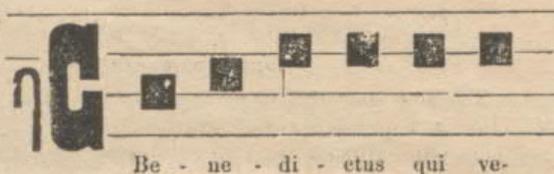
EM LISBOA

(PAGINA DAS MINHAS «MEMORIAS»)

(Continuação do n.º 20)

A's vezes um deleitoso amigo que sabia
o meu refugio descia tambem a azinhiaga e ao

avistal-o eu atirava logo n'uma voz que os
echos engrossavam a saudação do psalmo
CXVII:



e elle alegremente ria, como quasi todos d'este
meu costume de apparentar um balofo saber
de latim e cantochão. Se ao menos eu quizes-
se fingir-me profundo em coisas de mais pro-
veito para a humanidade como a difficil arte
da medecina em cujos mysterios me podia ini-
ciar o *Manual de Saude* de Raspail compre-
hendia-se, mas o velho latim rançoso a que
eu dava uma intonação falsa, só conseguia
tomar-me ridiculo e despresivel.

Então com pesadas razões eu objectava
citando Cicero e Horacio a favor da lingua
dos Quirites, e dizia ter lido um certo auctor
que me era digno do maximo credito que no
ceu os côros angelicos entoavam o cantochão
como a mais deleitavel das muzicas.

Elle ria, eu ria tambem e então a vasta
tristeza que me vergava ia pouco e pouco
desapparecendo ao contacto da sua alegria.

Outras vezes subiamos ao longo dos ar-
cos uma encosta, que a linha ferrea atravessa-
va do Campolide a Aleantara, e sempre por
montes pedregosos seguiamos até Monsanto.

Um dia um garoto apedrejou-nos e duas
velhas lavadeiras atiraram-nos injurias mais
terriveis que as pedradas. Fugimos correndo.

Outro dia o nosso passeio foi mais longe
e parecia quasi interminavel por uma estrada
com sentinellas e guaritas que nos levou até
ao paço da Ajuda.

As minhas pernas vergavam já e desce-
mos ainda um rua extensa, para depois subir
uma calçada ingreme e barrenta que nos le-
vou junto do cemiterio dos Prazeres.

(Continua).

HOMO.

CHRONICA DE COIMBRA

Um passeio a Lavos

Tratou-se de resolver de que modo se haveria de passar o resto do dia.

Varias idéas se apresentaram, sendo approvadas umas e regeitadas outras, chegando nós a casa precisamente quando nos lembramos de fazer uma pescaria.

Não podémos todavia realisal-a por falta de anzoes. Posémos essa idéa de parte, e fallamos então num passeio de carro que tambem se não levou a effeito:

O unico carro que havia na terra de Lavos estava de viagem para a Mariuha Grande, se me não engano.

Desanimamos em face de tanta infelicidade nos nossos projectos, e fomos todos para a sala de visitas onde nos sentamos lamentando a nossa sorte!

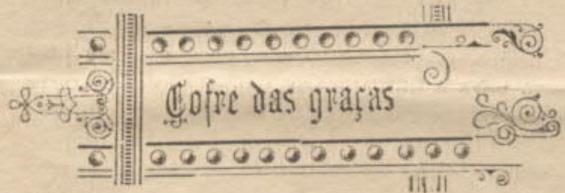
O ceu começou a torvar-se e o calor apertava cada vez mais!

Receamos então de que uma forte trovoadá viesse completar o nosso desgosto; Deus, porém compadeceu-se de nós, e... dentro de uma hora o tempo refrescava um pouco.

Guimarães, 5—4—1901.

(Continuare)

FERALDO FLAVIO.



Faz annos a ex.^{ma} sr.^a:

Dia 20—D. Maria da Conceição Soares

E o ex.^{mo} sr.:

Dia 20—Antonio d'Araujo d'Azevedo
Mimoso de Barros Alpuim.

Notas intimas

Na passada segunda-feira retirou-se para Lisboa o sr. Domingos Ribeiro, o qual veio, como já dissemos, visitar seu estimado pae que ainda se encontra muito doente.

Para Barcellos partiram na passada quarta-feira, o sr. Dr. Moura Machado e sua ex.^{ma} esposa que vieram passar as festas da Paschoa, a esta cidade com seus ex.^{mos} sogros e paes.

Na companhia de s. exc.^{as}, foi, com demora de algum tempo, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Angelina Ribeiro, cunhada do sr. Dr. Moura Machado.

Partiu para Espozende, d'onde seguirá para Ponte do Lima, terra da sua naturalidade, o sr. Antonio d'Araujo d'Azevedo Mimoso de Barros Alpuim, que regressará brevemente a esta cidade.

Regressou ante-hontem do Porto, onde foi passar as festas da Paschoa, o sr. Manoel Vieira de Castro Brandão e sua ex.^{ma} esposa.

Tambem vieram aqui passar as ferias na companhia de seu respeitavel pae, os dignos lentes da Universidade snrs. drs. Francisco e Alvaro Basto. S. ex.^{as} regressaram hontem a Coimbra.

Hoje no comboio das 11, e 4 da tarde, retiram-se para o Porto, Coimbra e Lisboa os academicos vimaranenses que vieram passar as ferias da Paschoa com suas ex.^{mas} familias. Feliz viagem e boa saude.

Na quinta-feira regressou dos Arcos de Val-de-Vez a esta cidade, onde foi, como dissemos, prégar alguns sermões, o sr. padre Gaspar Roriz, e a tal respeito, o nosso estimado amigo Albano Bellino, escreve-nos de Braga o seguinte:

—Para que ali se saiba como em terras distantes se rende merecida homenagem ao talento e dotes oratorios do rev. Gaspar da Costa Roriz, recorta do «O Arcoense» de 7 e do «Progressista dos Arcos» de 11 do corrente, jornaes que se publicam nos Arcos de Val-de-Vez, as seguintes apreciações que muito honram a um tempo o illustrado orador e essa boa terra que se honra de o ter por filho.—

Do Arcoense :

«Semana Santa.—Com a Resurreição, terminam hoje na egreja matriz as festividades da Semana Santa, que este anno revestiram particular imponencia, devido ao brilho que lhes soube imprimir a palavra quente e eloquentissima do rev.^o Gaspar Roriz.

Os seus sermões, brilhantissimos na forma e elevados nos conceitos, encantaram a enorme multidão de povo, que em religioso silencio os escutara.

Phrases teve tam bem buriladas, de tam arrebatadora e fascinante eloquencia, que justamente o collocaram a par dos mais distinctos oradores, que entre nós se têm feito ouvir.

A simplicidade e doçura com que elle pintou Jesus no *Pretorio* e no *Ecce-Homo*, as palavras de indignação com que abriu o pequeno sermão do *Enterro*, as tintas de soffrimento com que desenhou as lagrimas de Maria na noite da soledade,—tudo isso constituiram preciosissimas joias, que bem patentearam a riqueza intellectual do eloquente orador.

Não pode regatear-lhe elogios quem como nós, o ouviu o pode admirar a forma brilhante como elle sempre se houve.

Muito bem!

Do *Progressista dos Arcos* :

«Semana Santa.—Com a imponencia dos annos anteriores, tiveram logar na egreja matriz, na semana finda, como noticiamos no nosso numero passado, as solemnidades da Semana Santa.

Abrilhou-as este anno com o seu verbo quente e inspirado o rev.^o Gaspar Roziz.

Nós já conheciamos sua ex.^a da ultima festa do Castello e desde essa occasião fizemos a respeito dos seus dotes oratorios o melhor dos conceitos.

Por isso, nós já quasi contavamos com o successo que os seus discursos aqui obtiveram.

Pode dizer-se sem lisonjas, que raras vezes aqui se tem escutado um orador que tanto e tão plenamente satisfizesse um auditorio já de si tão exigente.

A redacção d'«A Memoria» agradece a lembrança, pois enthusiasma-se sempre com os louvores consagrados aos vimaranenses que justamente os merecem.

Casos e Occurrencias

Pavoroso incendio

Ao principiar o dia de quarta-feira, 10 do corrente, pois ha pouco tinha soado nos relogios a meia-noite, foi justamente alarmada a população da cidade pelo toque sinistro e cadenciado dos sinos, chamando soccorros para um incendio que se havia manifestado na circumscripção a que pertence a rua de S. Damaso.

Effectivamente, no predio n.^o 17, 19 e 21 d'essa rua, habitado pelo sr. José Joaquim Vieira de Castro, onde tinha o seu negocio de mercearia, havia-se desenvolvido um terrivel incendio, pondo, pela elevação das chammas crepitantes, uma nota de terror no silencio da noite.

São grandes os prejuizos que causou no negocio e no predio, pois quasi reduziu tudo a cinzas; sendo, por poucos momentos, tambem a fogueira horrivel onde encontrava o fim da vida toda a familia do sr. Vieira de Castro.

Felizmente os soccorros não se fizeram esperar e foram salvas todas as pessoas da casa, inclusivamente um cunhado do sr. Vieira de Castro que ha muito se encontra entrevado, o qual prevendo uma morte certa no alastramento das chammas, se havia já deitado da cama abaixo.

Porem, devido á coragem e intrepido valor do sr. José d'Oliveira Meira, drogista na mesma rua, auxiliado pelo sr. Marcos Santos, foi arrancado ás chammas devoradas esse desgraçado que não podia procurar salvamento.

Não ficou por aqui a tão louvavel coragem do sr. Meira. Sabendo que havia algum dinheiro e joias em uma gaveta do primeiro andar, já todo em chammas, foi tambem com o heroismo já provado, tiral-o ao devorador elemento.

Os bombeiros Voluntarios, uma das mais elevadas corporações pelo seu fim benemerito, compareceram immediatamente no local do sinistro e deram as mais inequi-

voas provas do seu arrojo e disciplina, circumscrevendo o incendio ao predio atacado, onde havia elementos que mais o podiam inflamar.

Louvamos esse trabalho habilmente dirigido pelo seu digno commandante o sr. Simão da Costa Guimarães, demonstrando mais uma vez que, debaixo das suas ordens, tem homens verdadeiramente dedicados.

Os predios lateraes, pertencentes á sr.^a Viuva Sequeira e á sr.^a D. Maria Leite Ferreira, soffreram bastantes damnos.

O negocio estava seguro na Commercial em 2:050\$000 réis; e o predio, pertencente ao sr. Manoel Ferreira de Abreu, estava seguro em 1:000\$000 réis na Companhia Garantia.

Nomeação

Mediante concurso, foi nomeado cartorário da Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, o sr. Joaquim Martins Guimarães.

Esta nomeação foi muito acertada e bem recebida por todos os que conhecem o sr. Martins Guimarães.

Os nossos parabens.

Espectaculo

Deve hoje realizar-se no theatro D. Afonso Henriques o espectáculo que annunciámos no passado domingo.

O beneficiado, attentas as suas circumstancias, bem merece a conjuvação de todos os conterraneos e estamos certos que não deixarão de lhe prestar esse precioso auxilio.

Noticias militares

Já regressou a Barcellos a restante força do 2.^o batalhão d'infanteria n.^o 20, que aqui se achava fazendo serviço.

Retirou ante-hontem tambem para alli, o sr. tenente d'aquelle batalhão, Constantino Augusto da Costa.

Pelo ministerio da guerra foi concedida demora em Lisboa, por oito dias desde o do corrente, ao sr. tenente-coronel d'aquelle regimento, José Joaquim Simões de Campos.

Regressou de Barcellos, aonde tinha ido confessar as praças do 2.^o batalhão, o sr. capellão do mesmo regimento, José Maria Fiuza.

Tem estado doente em Braga o sr. alferes Manoel Antonio Lopes Sardinha, a quem desejamos prompto restabelecimento.

O 1.^o batalhão d'infanteria n.^o 20 tem tido exercicios d'escola de companhia, tactica abstracta, no Campo de S. Salvador, d'esta cidade.

JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, da uma hora ás 3 da tarde, se o tempo o permittir, o programma publicado no domingo passado.

Sociedade Martins Sarmento

Continuação da subscrição promovida para o augmento do edificio:

	Transporte: 2:477\$900
José Joaquim Vieira de Castro	1\$000
Joaquim Martins d'Oliveira Costa	5\$000
Joaquim Teixeira de Carvalho	2\$500
Prior Joaquim Ferreira de Freitas	2\$500
Joaquim Luciano Guimarães	1\$500
José de Sousa Passos	1\$500
D. Adelina da Conceição Ribeiro	2\$000
Bento Martins	1\$000
José Pinto Teixeira de Abreu	2\$000
Antonio Joaquim Pereira	1\$000
Padre Manoel Custodio de Sousa Gonçalves	1\$000
D. Maria Macrina Ribeiro	4\$000
D. Adelina do Carmo Dias	1\$000
D. Joaquina Ercelinda de Castro Leite	1\$000
Augusto de Sousa Passos	2\$010
José Francisco Alves	1\$000
Domingos José Pereira de Lima	1\$000
Antonio Maria Duarte Ribeiro de Carvalho	1\$500
Joaquim Martins de Macedo e Silva	3\$000
Abilio de Magalhães Brandão—12 exemplares do «Manual do Recebedor» de que é auctor e cuja edição está esgotada e	2\$000
Francisco da Silva Martins	1\$500
Joaquim de Sousa Pinto	1\$000
D. Maria Victorina	1\$000
José de Castro Ribeiro (Péridem)	2\$000
Dr. Jeronymo Pereira Leite de Magalhães e Couto	2\$500
Fortunato da Silva	500
Augusto Leite da Silva Guimarães (Porto)	10\$000
Francisco José de Carvalho e Oliveira Junior	5\$000
Francisco Moreira de Sequeira Junior (Vizella)	1\$000
Dr. Gonçalo Loureiro Da Mesquita Paul (Castello de Vide)	1\$000
Padre Rufino Monteiro Esteves (Gominhães)	1\$000
Antonio Mendes	500
João Lope de Faria	500
Joaquim d'Oliveira Machado	500
J. Pinto C. Ramos (Porto)	500
Joaquim Antonio da Cunha Guimarães	500
Antonio de Freitas Costa e Almeida	1\$500
Antonio Teixeira de Carvalho Sousa Cyrne	5\$000
D. Emilia Constança Adelaide Freitas	500
João Luiz d'Araujo Gomes	500
Albano Pires de Sousa	1\$500
José Lopes da Cunha	2\$500
João de Sousa Dias	1\$500
Ignacio Pinto d'Oliveira (Porto)	2\$500
Padre José Joaquim Ribeiro de Castro Meirelles	2\$500
José Ferreira Mendes da Paz	2\$000
João Martins da Costa (Porto)	10\$000
Commendador Luiz José Fernandes	10\$000
Joaquim Penafort Lisboa	1\$000
Ignacio José Ferreira Alves Costa (Porto)	5\$000
Commendador André Avelino Lopes Guimarães (Porto)	5\$000
D. Adelaide Martins, Major Ignacio Teixeira de Menezes e Irmãs	30\$000
A. P.	5\$000
Antonio Ribeiro Varandas	2\$500
Manoel Joaquim de Castro	1\$000
Dr. Alvaro José da Silva Basto (Coimbra)	5\$000
Dr. Francisco José da Silva Basto (idem)	5\$000
Domingos José Ferreira Ribeiro (Lisboa)	15\$000
Somma:	2:658\$900

Aposentação

Foi aposentado extraordinariamente com o vencimento annual de 129\$160 reis, o amanuense da administração d'este concelho snr. Maximiano Lobo, sendo nomeado interinamente até á decisão do concurso para o mesmo logar o snr. Jeronymo Sampaio.

Romaria

Realisa-se hoje na freguezia de Gominhães a romaria denominada do Bom Despacho.

22.15

Salão Artístico Vimaranense

Fez hontem a sua estreia n'este Salão o ROYAL KOSMOGRAPH.

Por falta d'espaco não podemos hoje ser mais minuciosos a respeito dos seus variados trabalhos, os quizes são dignos de ser admirados.

ANNUNCIOS

Prevenção

Joaquim Ribeiro, da freguezia de Serafão, concelho de Fafe, achou á Madre de Deus junto a Guimarães, no dia 6 de janeiro de 1901, um objecto d'ouro no valor de 3\$500 réis.

O dono póde dirigir-se ao possuidor dentro do praso legal pagando as despesas feitas

JOAQUIM LOPES DE OLIVEIRA
ADVOGADO E NOTARIO
COM ESCRIPTORIO

NA

Praça Martins Sarmento,
(largo do Carmo) 55.

Aos photographos e amadores
Chapas photographicas

POMADA MARAVILHOSA

Cura chagas de qualquer especie; remette-se pelo correio em caixas de 500 reis e porções de 250 e 120 réis.

Duvidando do bom resultado, póde pedir-se, que será gratuitamente remettida, uma pequena amostra para experiencia.

Deposito drogaria Cunha Mendes, rua da Rainha.

ARMAZEM DE VINHOS

DE

RODRIGUES PINHO & C.^ª

Villa Nova de Gaya

DEPOSITARIO EM GUIMARÃES

Albano Pires de Sousa
120—RUA DA RAINHA—122

Vinhos garantidos

(Preço sem garrafa)

Vinho Sande, garrafa (*)	100
» Meza	200
» Sol.	250
» Falerno	300
» Legitimo Secco	300
» Moscatel.	400
» D. Luiz	500
» Generoso	800
» Branco Generoso	140
» Reserva	18400

(*) Este vinho escrupulosamente escolhido e engarrafado, é sem duvida o mais nutritivo e saudavel de todos que até hoje tem sido expostos á venda, podendo ser analisado por quem assim o entender, para se convencer da sua pureza e excellent qualidade, por que respondemos.

N'este deposito fazem-se bons descontos nos snrs. revendedores.

TYPOGRAPHIA

DE
ALBANO PIRES DE SOUSA
ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memoranduns, acções, cheques, enveloppes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações do concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.
Carimbos de borracha, metal e madeira.